

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 2 2018

PROUS, ANDRÉ & FOGAÇA, EMILIO. 2017. O ESTUDO DOS INSTRUMENTOS DE PEDRA: FABRICAÇÃO, UTILIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DOS ARTEFATOS. TERESINA: ALÍNEA PUBLICAÇÕES EDITORA. 344 P. ISBN: 978-85-88878-19-8.

RESENHA
BOOK REVIEW
RESEÑA

Paulo Jobim Campos Mello¹

Os autores dispensam apresentação: André Prous, especialista em lítico e arte rupestre, trabalhou na UFMG desde a década de 1970, agora aposentado, e Emílio Fogaça, sem dúvida, o maior especialista em lítico do Brasil, falecido precocemente logo após a publicação do presente livro.

A obra é composta por duas partes, com um total de 19 capítulos, abrangendo praticamente todos os assuntos relativos à análise de material lítico, passando por temas como fabricação e análise, as matérias-primas, estudo funcional, exemplos etnográficos etc. A falta de um capítulo específico para experimentação é compensada por esse assunto ser visto, de passagem, em outras partes do livro.

O livro é extensamente ilustrado, com 136 figuras (incluindo-se as fotografias), o que é muito importante para a exemplificação do texto. Algumas das figuras, no entanto, apresentam pequenas dimensões, o que dificulta a compreensão das mesmas.

Conforme explicado na introdução, originalmente o livro não havia sido pensado para ser dividido em duas partes, porém, problemas de saúde de Emílio Fogaça impediram que os dois autores trabalhassem em conjunto. Assim, a primeira parte (capítulos 1 a 16) ficou a cargo de André Prous, que traduziu e adaptou seu livro *'Apuntes para análisis de industrias líticas'*, de 2004, enquanto que a segunda parte (capítulos 17 a 19) ficou com E. Fogaça, que adaptou algumas apostilas, elaboradas por ele, que utilizava na disciplina que ministrava no curso de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe.

A bibliografia é separada por capítulos, o que é interessante para quem quer se aprofundar nos assuntos ali tratados. O problema é que, com exceção dos capítulos 11, 18 e 19, as referências estão incompletas, aparecendo apenas o sobrenome do autor e a data da publicação.

Ao final da primeira parte, é apresentado um glossário com a tradução dos vocábulos em inglês, francês e espanhol (notamos um problema com o termo *façonagem*); ao final de cada um dos três capítulos da segunda parte também podemos encontrar um glossário que, além da tradução em francês e inglês, apresentam uma explicação de cada termo.

O Capítulo 1 discute rapidamente a questão da utilização e fabricação de instrumentos por animais bem como a capacidade manual e mental entre os primatas.

¹ Universidade Federal de Sergipe. E-mail: paulojc.mello@gmail.com.

Descreve, também, ações naturais que podem propiciar efeitos semelhantes, ou seja, peças similares àquelas fabricadas pelo homem.

Vários assuntos são tratados no capítulo 2: retoma-se a discussão que aparece no capítulo anterior sobre o desenvolvimento motor e cerebral necessários para a fabricação de instrumentos (o que, ao meu ver, poderia ter sido desenvolvido no capítulo 1); as técnicas do trabalho em pedra: lascamento, picoteamento e polimento; matérias-primas para a confecção dos instrumentos, a influência da sua disponibilidade, quantidade e qualidade para a fabricação dos instrumentos (que se encaixaria melhor no capítulo seguinte, que trata especificamente desse assunto); e sobre as ações naturais imitarem o trabalho humano (repetição do escrito no capítulo anterior).

O capítulo 3, que tem a colaboração de Ulisses Cyrino Penha, trata das propriedades bem como dos métodos de identificação das diferentes rochas e minerais utilizados para a confecção dos instrumentos líticos, tanto lascados como picoteados e polidos. Também apresenta uma pequena seção sobre economia de matéria-prima.

No capítulo 4, vemos um histórico, desde a antiguidade, da análise do material lítico; são vistos tipologia, experimentação, etnoarqueologia e análise funcional.

O capítulo 5 mostra os instrumentos utilizados em estado bruto, tanto os passivos como os ativos.

No capítulo 6 temos as técnicas de lascamento (instrumentos, posições, matérias-primas), sendo que apresenta uma seção sobre as características do quartzo (essa com a colaboração de Luis Bassi).

Os capítulos 7, 8 e 9 tratam, respectivamente, de façongem, debitagem e retoque. O sétimo, após diferenciar debitagem de façongem, descreve detalhadamente os objetos fabricados por essa última maneira, desde os choppers do Paleolítico inferior, os bifaces do Paleolítico médio, além de exemplos de peças encontradas aqui na América. Descreve, também detalhadamente, pontas de projétil, com exemplos de peças encontradas nas Américas.

O oitavo, sobre debitagem, trata das características das lascas e descreve detalhadamente vários tipos de núcleos. Já no nono descreve as características dos retoques, seguindo, basicamente, a proposta de Inizan *et al* (1995), e apresenta uma tipologia (morfológica) do que ele chama de 'instrumentos formais' (raspadores, raclettes, bicos etc.).

Se nos quatro capítulos anteriores o assunto era lítico lascado, o décimo trata sobre instrumentos picoteados e polidos, explicando as diferentes técnicas bem como os diferentes instrumentos que são fabricados através dessas técnicas.

O capítulo 11, que trata das técnicas de desenho e fotografia dos instrumentos líticos, conta com a colaboração de A. Pessoa Lima, para a parte de desenho, e de Rogério Tobias Jr, para a de fotos, e mostra a complementaridade dessas duas técnicas. Nessa época de facilidade da foto digital, o texto insiste na importância do desenho, no qual é possível perceber a interpretação do investigador sobre a peça. Os autores dão dicas interessantes para a realização de ambas as técnicas, mas podemos perceber alguns problemas, tanto nas pequenas dimensões de algumas figuras apresentadas, dificultando a visualização, como também de qualidade da impressão de algumas fotos, em que se perde a nitidez.

O capítulo 12 trata do encabamento dos instrumentos, mostrando os diversos tipos e ilustrando com exemplos arqueológicos e etnográficos.

Análise funcional é o assunto visto no capítulo 13, onde é explicada a diferença da análise traceológica, feita através do uso de lupa binocular, e de microscópios metalográfico e eletrônico de varredura. Também é comentado a utilização de análises químicas para a identificação de resíduos orgânicos.

O capítulo 14 trata de exemplos etnográficos, mostrando não só a confecção dos instrumentos, mas também sua utilização. Além de exemplos de grupos aborígenes australianos, fala sobre os Xeta, índios do Paraná, que, na época de seu contato, na década de 1950, “utilizavam e fabricavam ainda instrumentos de pedra lascada e polida” (p. 241), e da presença de materiais utilizados por eles, que, se fossem encontrados por um arqueólogo, “teriam sido provavelmente catalogados como ‘refugo’” (p. 241). Comenta ainda sobre os raladores (tábuas com pequenas lascas de pedra), presentes tanto na Europa, como aqueles fabricados por alguns grupos indígenas do Brasil (os Baniwá e os Waiwai).

O capítulo 15 mostra que a análise do material lítico não se limita às questões da apreensão das técnicas de fabricação, mas também às capacidades dos indivíduos e de seus papéis na sociedade. Para isso, utiliza exemplos de sítios escavados por níveis naturais, com toda precisão possível, caso dos conhecidos sítios magdalenenses de Pincivet e de Etiolles.

Também mostra que materiais descontextualizados também podem fornecer informações, e utiliza como exemplo os zoólitos oriundos de sambaquis do sul do Brasil, onde discorre sobre as possíveis funções e significado dessas peças. Porém, convenhamos que há uma confiabilidade muito maior na interpretação feita quando se utiliza material contextualizado.

O Capítulo 16 mostra um possível roteiro para a análise, não só do objeto lítico, mas também de uma coleção. É importante ressaltar o ‘possível’ pois, como bem lembra o autor, não há uma receita única, sendo o pesquisador que decide o que privilegiar na análise.

Na segunda parte (capítulos 17 a 19), como indicado na introdução, encontramos a repetição de alguns assuntos já tratados na primeira, porém com uma linguagem diferente. Por ser escrito, originalmente, para apostilas utilizadas em disciplinas ministradas no curso de graduação, o texto se mostra extremamente didático, sendo os desenhos elaborados pelo autor (alguns deles, principalmente os relativos aos núcleos, adaptados de Boeda (2006)) de uma clareza ímpar.

Assim, podemos facilmente entender as características de uma lasca, como realizar sua leitura diacrítica, bem como a de um instrumento lítico, e compreender as estruturas (abstrata e concreta) de um núcleo. Além disso, os glossários, ao final de cada capítulo, eliminam quaisquer dúvidas que possam restar ao leitor.

Só lamentamos que a análise tecnofuncional dos instrumentos, com a explicação e determinação das unidades tecnofuncionais (UTFs) não tenham sido incluídas no presente livro.

Terminamos reproduzindo as palavras de Emilio Fogaça (pg. XVII):

Em certos aspectos, palavra escrita e pedra lascada se assemelham. Ambas ganham sentido pela reunião de entidades menores. As palavras resultam das letras combinadas conforme certas regras. As pedras lascadas resultam de gestos técnicos encadeados também segundo normas que determinam um método de lascamento. As palavras formam frases, as pedras lascadas formam conjuntos de uma cadeia de pré-determinação. As pedras são legíveis, se bem ordenadas.

Esse livro é fundamental para quem quer aprender a ler o material lítico.

Palavras-chave: Lítico; Tipologia; Tecnologia.

Keywords: Lithic; Typology; Technology.

Palabras clave: Lítico; Tipología; Tecnología.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOEDA, E., 2006. Levallois: uma construção volumétrica, vários métodos, uma técnica. *Canindé, Aracaju*. 7:37-77
- FOGAÇA, E., 2010. A análise diacrítica dos objetos líticos. *Clio, Recife*, 18:155-173
- INIZAN, M.L.; REDURON, M.; ROCHE, H. & TIXIER, J., 1995. *Technologie de la pierre taillée*. Meudon: CREPE. 199 pp.